REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALDO, Cirlei Fátima2 IACONO, Jane Peruzo3 Letramento Para Alunos Surdos Através De Textos Sociais

BERTOCHI, Marilza Célia. A luta pela inclusão social da pessoa portadora de necessidades especiais. In Revista Leopoldianum. Santos, São Paulo: Universitária, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. CHOMSKY, Noan Logical Structure of Linguistic Theory ,1955

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípais políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) Refletindo sobre a compreensão de Leitura por alunos surdos

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali. Ideias para ensinar português para surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de.

São Paulo: Saraiva, 1996. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

STOKOE, W. 1960. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. Studies in Linguistics, nº 8. University of Buffalo.

Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DANIELE DA SILVA PRAZO

Resumo

O objetivo desta pesquisa é ressaltar a importância da contribuição da arte de contar história com estimulo para a leitura. A leitura consiste em uma base para o processo de alfabetização, bem como a formação da cidadania. Desenvolve-se com o ato da leitura um maior senso crítico, isto é, pensar, duvidar, questionar. Portanto, a arte de contar história, além de uma forma de entretenimento para a criança, também pode ser uma estratégia de ensino que visa estimular os alunos em relação à leitura, em realmente sentir prazer com a mesma, bem como possui a capacidade de fazer com que a rotina escolar se torne uma atividade repleta de fantasia, expressão e anseios, o que ajuda a criança a lidar com certas questões mentais inquietantes que a mesma possui. Este estudo consistiu-se em pesquisas bibliográficas, sendo realizadas por meio de livros, revistas e acesso a fontes científi-

ficas de pesquisa sobre os estudos e concepções de diversos autores que abordam a temática. Considerou-se que o objetivo deste trabalho foi atendido uma vez que se evidenciou de forma contundente que a estratégias da arte de contar história quando desenvolvida para o efetivo aperfeiçoamento da leitura é fundamental para o desenvolvimento do habito e do prazer pela leitura das crianças.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Leitura. Contação de História.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresentou o tema sobre as contribuições da arte de contar história para a prática de leitura. A arte de contar história, além de uma forma de entretenimento para a criança, também pode ser uma estratégia de ensino que visa estimular os alunos em relação à leitura, em realmente sentir prazer com a mesma.

A escassez da leitura no cotidiano dos alunos tem prejudicado o desempenho educacional, fazendo com que o aluno não desenvolva sua capacidade de aprender e possua mais dificuldade em assimilar o ler e escrever, prejudicando até mesmo a oralidade e a escrita. Portanto, se fez necessário a seguinte questão: De que maneira a arte de contar história poderá auxiliar no desenvolvimento da leitura?

A aprendizagem de ler se constituem num processo único, que será vivenciado por cada aluno, de forma particular, assim professores alfabetizadores precisam estar sempre inovando, antenados, fazendo uso de diferentes níveis de leitura e escrita dos seus alunos, para propiciar momentos de construção do mundo da leitura. Por meio das histórias o professor faz com que a criança pegue gosto pela leitura, pois não é o suficiente somente ensiná-la a ler, é necessário ensiná-la a gostar de ler, ou seja, contando histórias, pode-se promover o imaginativo da mesma, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

Para tanto, o objetivo geral é ressaltar a importância da contribuição da arte de contar história com estimulo para a leitura. E os objetivos específicos foram

Este estudo consistiu-se em pesquisas bibliográficas, sendo realizadas por meio de livros, revistas e acesso a fontes científicas de pesquisa sobre os estudos e concepções de diversos autores que abordam a temática como Abramovich (2001), Bamberguerd (2003), Coelho (2004), Ferreiro (2003), entre outros.

A relevância da pesquisa está em contribuir para a elaboração de outras pesquisas que envolvem a temática bem como para despertá-lo do interesse de futuros professores em uma abordagem teórica sobre as contribuições da arte de contar história para a prática de leitura no processo de alfabetização.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

É ouvindo histórias, e com os sentimentos por ela despertados, que as crianças percebem suas próprias emoções, conhecem os sentimentos e aprendem a lidar com eles; esses sentimentos, muitas vezes são determinantes de suas ações e confirmam que as histórias apresentadas às crianças têm real impacto em seu de-

senvolvimento.

Visando tornar esse momento encantador, pode-se utilizar a Contação de histórias como um instrumento de educação e aprendizagem, pois através da ludicidade, e de seus recursos, há a oportunidade de transformar algo comum em um ato prazeroso e repleto de saberes implícitos. Pois, de fato, existem diversas formas de se contar uma história de modo que a torne atrativa, sendo necessário levarem consideração certos fatores e elementos, pelo contador, que a tornem mais estimulantes.

Segundo Coelho (2004), contar histórias requer conhecimento inato e predisposição, além de um conjunto de técnicas, que devem ser trabalhadas e somadas a outras qualidades, que juntas enriquecem “a hora da história”, esses macetes visam priorizar o talento de quem conta e instigar quem ouve, e são fundamentais para um bom desenrolar das histórias. Para a autora, a consciência de que o mais importante é a história e que o contador é apenas o transmissor, é algo bastante relevante.

Existem várias maneiras de se contar uma história e para que ela se torne atrativa é necessário que o contador leve em consideração alguns fatores, elementos que podem torná-las muito mais fascinantes e estimulantes. Segundo Coelho (2004), contar histórias requer conhecimento inato e predisposição, além de um conjunto de técnicas, que devem ser trabalhadas e somadas a outras qualidades, que juntas enriquecem “a hora da história”, esses macetes visam priorizar o talento de quem conta e instigar quem ouve, e são fundamentais para um bom desenrolar das histórias.

Para a autora, a consciência de que o mais importante é a história e que o contador é apenas o transmissor, é algo bastante relevante. O contador porta uma grande responsabilidade, pois a história pode ser ótima, mas se quem a conta não deter o carisma, pode ocultar todo o brilho nela existente.

É necessário, primeiramente, gostar de contá-las, pois, segundo a autora: “Nos quatro anos de convivência com as crianças e com os professores, descobri que para conhecermos e contarmos histórias devemos enamorar, apaixonar, casar com ela e viver feliz para sempre” (PIZA, 2006, p.61).

Muitas pessoas possuem o dom natural para contar histórias, outras nem tanto, mas essa afirmativa pode não se consolidar, pois os o talento para Contação, exige também afinidade para com determinado tipo de gênero, com um pouco de treinamento, dedicação e domínio de técnicas é possível conseguir passar para as crianças toda a emoção em potencial que a história oculta.

Quem planeja ser um bom contador de histórias deve se preparar seguindo alguns passos importantes, entre eles, estar familiarizado com o que vai contar para isso, é importante ler e reler a história de forma que consiga memorizá-la para não perder o ritmo e o entusiasmo na hora de contar, tentando relembrar fatos esquecidos ou então parando para averiguá-los no livro.

De acordo com Abramovich (2001 p. 18), “quando se vai ler uma história [...] não se pode fazer isso de qualquer jeito”,

ou seja, é preciso conhecer com o texto para que não se perca enquanto o narra, para evitar erros comuns como: pronunciar o nome dos personagens ou etapas de forma errônea ou para que não se impressione com algo que não imaginaria estar escrito.

É importante que o contador permita que a criança segure, folheie o livro, visualizando as figuras e seus detalhes, a disposição da escrita em meio ao cenário proporcionado pelo livro e conheça previamente o título da história que será contada. Abramovich (2001) ressalta que o contador deve deixar a criança visualizar o que está sendo lido, mostrando que é possível ir e vir na mesma história tantas vezes, além de garantir o acompanhamento passo a passo da história.

De acordo com Dohme (2010), em seu livro "Técnicas de contar Histórias" é importante conhecer a literatura específica para crianças, os seus heróis, assistir a seus filmes, identificar suas preferências para então explorar as diversas possibilidades. Ainda o mesmo autor destaca que uma boa narrativa é fundamental total segurança e naturalidade, onde o narrador demonstre estar preparado para contá-las, com domínio das técnicas e entrosado com o assunto.

A linguagem auxilia para que o ouvinte entenda e acompanhe de forma clara o que está acontecendo. O narrador tem o papel de sedutor, ou seja, encantar o ouvinte para que o mesmo tenha vontade de escutar a história tantas outras vezes. Preparar a voz também é fundamental, Dohme (2010), fala sobre a necessidade de fazer com que o ouvinte entenda as palavras que estão sendo ditas; portanto, é necessário ter uma boa dicção, vocabulário selecionado, variar o tom, o volume e a velocidade da voz, adequando-a a cada personagem da narrativa.

Cada história pede uma voz, uma entonação ou velocidade diferente. Podemos contá-las com a voz suave, trazendo conforto, aconchego, ou então, aumentar o tom de voz nas cenas que pedirem mais ação. O narrador dever mudar a voz todas as vezes que se muda de personagem. Atribuir assim uma personalidade, uma cara própria para cada personagem (DOHME, 2000, p. 10).

Outro passo importante na Contação de uma boa história é preparar o ambiente. Cada história configura-se em um tipo de cenário, um figurino diferente, um objeto que auxilie a contá-la, seja ele, um lenço pendurado ao fundo, brinquedinhos de sucata, fantoches, dedoches, qualquer elemento que traga vivacidade a aquela história e que chamem a atenção e despertem a sensibilidade do ouvinte, permitindo proximidade entre a realidade e o que é contado; para Jorge (2007, p.102), "criar um clima propício e organizar o espaço são requisitos básicos para narrar histórias".

Quando ocorre uma interação entre o grupo e a criança oportuniza-se a expressão e/ ou participação mútua, ou seja, o contador deve permitir que os ouvintes interagissem, opinem e façam parte da história, contá-las em ritmo adequado, respeitando as pausas e questionamentos levantados por quem às ouve, pois o surgimento de comentários é comum nos compartilhamentos de histórias. Outro segredo que contribui para o bom desenrolar na Contação de uma história é olhar;

o direcionamento do olhar transmite emoção, segurança e faz com que os ouvintes fiquem muito mais atentos, ao garantir o contato visual com o público, o contador, ganha dos espectadores, a sensação natural de serem parte ativa e importante. Ter gosto pela história que se vai contar, usando entusiasmo, transmitindo a alegria, motivação, garante que: "todos se envolvam, se encantem ou até mesmo acreditem na história narrada" (JORGE, 2007, p.102)

Como já mencionado, há vários elementos que auxiliam a história a tornarse mais atrativa e interessante, quando a história é dramatizada ela se torna mais rica e os elementos principais ganham maior destaque. O principal recurso a ser utilizado por um contador de histórias é a sua própria voz, para Zanotto (2003), é por meio dela que transmitimos grande parte das emoções; cada personagem identificase também, por uma determinada voz, por exemplo, se a personagem da história é uma menina doce, a voz da personagem tende a ser mais baixa, calma, meiga, se for um menino, o grave deve ser mais relevante.

Enquanto acontece a Contação, o contador pode: sussurrar, levantar a voz, falar baixo e também pausar a fala quando algo importante for acontecer, gerando suspense e garantindo uma expectativa para próxima ação. A voz do narrador tem o poder de conduzir quem está ouvindo para o que ele conta, conseguindo gerar figuras na imaginação de cada ouvinte (ZANOTTO, 2003).

Além das mudanças na voz, o contador também pode utilizar bonecos representando os personagens; estes podem ser industrializados ou fabricados a partir de sucata, as crianças podem participar da construção dos bonecos também, ajudando a confeccioná-los, lembrando que a construção feita pela criança, garante um direito de propriedade e maior importância, pois ela sente-se ativa em todo o processo, desde a confecção, até a Contação.

Panos no fundo, cartazes temáticos decorativos, cartolinas confeccionadas, cortinas e tudo que possa servir de decoração, deixam o ambiente mais aconchegante e com a cara do cenário onde se passa a história escolhida. Apresentações em slides previamente preparados, com cada imagem ilustrando uma parte da história a ser contada, é um recurso tecnológico que já está sendo bastante adotado; vídeos também auxiliam na narrativa (ZANOTTO, 2003).

Segundo Jorge (2007), o narrador transforma-se em um ator e deve conseguir misturar vozes e movimentos e é por meio dessa junção que se dá os diálogos, as histórias e as trocas de experiências. O contador deve fazer uso de sua criatividade transformando o ambiente em um lugar prazeroso, onde a criança possa se expressar livremente e desfrutar daquilo que é proposto em uma história contada.

É comum, após ouvir uma história, a criança solicitar o manuseio do livro, e o professor deve garantir e mediar esse encontro, pois é por meio da narração e do contato com o portador da história, neste caso o livro que instigamos o desejo de ouvir, ler e descobrir outras histórias.

Contar uma boa história promove uma excelente oportunidade de desenvol-

vimento e aprendizagem para as crianças. Adquirir o hábito da leitura não acontece de um dia para o outro, é um processo constante que deve ser apoiado desde cedo, em casa, em seguida aperfeiçoa-se em ambiente escolar para que possa continuar pela vida adulta em diante (JORGE, 2007). Para que ocorra aproximação do aluno a leitura, torna-se imprescindível a intervenção do educador, que deverá atribuir a leitura uma finalidade prazerosa de aprendizagem, além de proporcionar espaço adequados para a leitura.

2.2. A RELEVÂNCIA DA LEITURA

A leitura consiste em uma base para o processo de alfabetização, bem como a formação da cidadania. Desenvolve-se com o ato da leitura um maior senso crítico, isto é, pensar, duvidar, questionar. De fato, sem a escrita e a leitura o sujeito deixa de comunicar-se e torna-se um ser imaturo com relação ao mundo.

A leitura, além de tornar o homem livre, oferece-lhe mais oportunidades, possibilita que o mesmo vá a lugares que sem a leitura não iria. “Através da leitura todos se tornam iguais, com as mesmas oportunidades. A leitura, além de tornar o homem mais livre, possibilita que ele vá a muitos lugares que sem a leitura jamais iria.” (HOFFMANN, 2009, p. 25).

A leitura favorece as relações afetivas entre alunos e os professores, pois amplia o vocabulário do aluno, melhorando assim a utilização da linguagem e, por conseguinte, aperfeiçoam suas relações pessoais, ao ser capaz de expressar suas ideias, opiniões, sentimentos, experiências. Além de possibilitar a organização do pensamento em uma sequência lógica, isto é, começo, meio, fim, bem como promove o desenvolvimento da imaginação da criatividade e ajudar a criança a refletir sobre suas ansiedades, medos e perdas, propiciando a mesma o desenvolvimento de um posicionamento responsável, crítico e construtivo em diversas situações (FERREIRO 2003).

No entanto, Carvalho (2002), ainda aponta que segundo a classe social da criança, as experiências com a leitura e a escrita podem variar, visto que em algumas famílias a leitura e a escrita fazem parte de seu cotidiano, e já em outras de classe social pobre, a leitura e a escrita são raras ou até mesmo inexistentes, seja por não aprenderem a ler e/ou por suas condições de vida e de trabalho não exigirem o uso da língua escrita.

Portanto, observa-se a grande importância se desenvolver uma "cultura de leitura", pois somente dessa maneira torna-se o aprendiz em um formador de opinião em um ambiente social e democrático. De fato, a criança vive constantemente em contato com o mundo letrado, o qual possui letras em quantidades, estilos e tipos gráficos diversos, e é nesse mundo onde se encontram as informações em que a criança está inserida (FERREIRO 2003).

Para Carvalho (2002), aprender a ler ocorre de maneira mais eficiente quando o indivíduo compreende as convenções, características e o tipo de estrutura do texto cuja leitura irá iniciar. Os diversos textos apresentados aos alunos trazem convenções que nem sempre são claras para leitores iniciantes, logo, deve-se trabalhar desde cedo à convenção da lingua-

gem escrita.

Porcacchia e Barone (2011) elucidam que a prática da leitura proporciona ao aluno o amadurecimento, a reflexão crítica das coisas que os cerca, gerando um novo olhar as suas experiências pessoais, agregando conhecimentos, desenvolvendo diálogos e narrativas, transportando-se da onipotência imaginária para a real e cultural.

Ao contrário do que os adultos imaginam a criança não terá interesse por um livro pelo fato de não saber ler, é um equívoco, visto que a mesma pode estabelecer sim contato com o livro desde muito cedo, pois ela aprende que livro se compreende em uma coisa boa, que proporciona prazer. O interesse que terá pelas cores, figuras e formas, que são apresentadas nos livros, com o decorrer do tempo adquirirão significados, identidades e nomes

A leitura possibilita um avanço no desenvolvimento da criança, tanto emocional, quanto social e cognitivo. Há diversos fatores que podem influenciar no interesse pela leitura, o principal é determinado pela "atmosfera literária", que de acordo com Bamberguerd (2003), deve ser encontrada em casa, pois a criança que consegue ler com mais desenvoltura, consequentemente, irá se interessa muito mais pela leitura, além de aprender com mais facilidade, pois possui mais interesse em aprender.

Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Assim como afirma Pires (2000), a leitura, desse modo, torna-se de extrema importância como ferramenta de formação, adquirir o hábito da leitura não acontece de um dia para o outro, é um processo constante que deve ser apoiado desde cedo, em casa, em seguida aperfeiçoa-se em ambiente escolar para que possa continuar pela vida adulta em diante. Portanto:

Os professores dos primeiros anos da escola fundamental devem trabalhar diariamente com a literatura, pois está se constitui em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta as veias artísticas da criança. Nessa faixa etária, os livros de literatura devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão (PIRES, 2000, p.34).

Para que ocorra aproximação do aluno com a leitura, torna-se imprescindível a intervenção do educador, que deverá atribuir à leitura uma finalidade prazerosa de aprendizagem, além de proporcionar espaços adequados para a leitura.

Logo, o professor deverá possibilitar a criança o meio de acesso a diversos tipos de literatura infantil, proporcionando o crescimento reflexivo, crítico e emotivo das mesmas, levar em conta a motivação e a criatividade da criança, portanto há a importância do lúdico para o bom desenvolvimento. Assim, ao inserir os alunos em ambientes como este, o educador estará formando leitores críticos e conscientes de seus atos.

2.3. A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA A LEITURA

São durante seus primeiros anos de vida que uma criança inicia a construção e o desenvolvimento de suas maneiras particulares de ser, assim como suas relações com as pessoas e com o mundo. Processos paralelos e complementares, como seu comportamento emocional, sua interação com o meio, individualização do seu próprio corpo, bem como a consciência de si, são processos de desenvolvimento e é justamente nessa fase que os critérios afetivos com relação aos lógicos e objetivos prevalecem (VYGOTSKY, 1992).

Logo, para que ocorra um maior entendimento da realidade é essencial que ela seja apresentada através de histórias um "Afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece" (VYGOTSKY 1992, p.129).

Ao contrário do que os adultos imaginam que a criança não terá interesse por um livro pelo fato de não saber ler, é um equívoco, visto que a mesma pode estabelecer sim o contato com o livro desde muito cedo, pois ela aprende que livro se compreende em uma coisa boa, que proporciona prazer. O interesse que terá pelas cores, figuras e formas, que são apresentadas nos livros, com o decorrer do tempo adquirirão significados, identidades e nomes. Assim como Perroti (2005, p.18) afirma, "a criança pode ainda não saber ler e escrever, mas já produz texto: ela pensa, fala e se expressa".

Quando se é compartilhado histórias com as crianças, o texto proporciona à mesmos diversos sentimentos, como alegria, medo, raiva, tristeza e entre outros, assim como possibilita o seu aprendizado por meio de interpretações e quando expõem suas opiniões, contribuindo também para sua autonomia com relação ao pensar, logo, é importante para que se desenvolva da melhor maneira o cognitivo. Abramovich afirma que,

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o imaginar, o brincar, o ver livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal tudo pode nascer dum texto (ABRAMOVICH, 1997, p. 23).

O fato de ter contato e poder manusear o livro, provavelmente despertará na criança um interesse, contribuindo para o seu crescimento como leitor e, consequentemente, entenderá de maneira mais ampla a realidade que está inserida. Deste modo, os professores devem oferecer a literatura infantil como um meio de socialização, uma ferramenta que auxilie a criança a inserir-se no mundo.

Assim como Abramovich (1997), elucida, é a partir do contato com o texto literário de qualidade que a criança será capaz de pensar, questionar, perguntar, ouvir outras diversas opiniões, discutir e reformular seus pensamentos.

Um planejamento adequado assim como uma escolha correta da leitura que será realizada, pode despertar na criança o interesse e a motivação necessária para que a mesma adquira experiências para a sua vida futura. Para tanto, Gomes (2011), aponta a importância de se levar em con-

sideração aspectos como a propriedade da imagem, uma estética e ilustração coerente com o tema, bem como as emoções que são sugeridas pela obra, dando destaque aos elementos figurativos, como a cor, o tamanho de imagens e sua disposição espacial, além da quantidade de detalhes.

Estes são alguns dos motivos para se dar importância a adequação dos livros, assim como os estágios psicológicos no que cada criança está, isto é, etapas que não depender exclusivamente da idade, mas sim do nível de amadurecimento psíquico, intelectual e afetivo, assim como seu nível de domínio da leitura (COELHO, 2000).

Já nesta perspectiva, Coelho (2002), elucida que os estágios psicológicos em que a criança se encontra é um relevante fator para a agregação de textos, levando em conta as diversas etapas do desenvolvimento infantil. O autor cita em seu livro as cinco características que direcionam a criança a leitura, com relação as fases do desenvolvimento psicológicos, que são: O pré-leitor: dividida entre a primeira infância (de 15 meses à 3 anos), quando a criança começa a reconhecer o mundo ao seu redor por meio do tato ou contato afetivo, nomeando tudo a sua volta, e a segunda infância (de 3 anos à 5 anos), o início de sua fase egocêntrica, quando a mesma está mais adaptada ao meio físico, aumentando seu interesse e capacidade para comunicação verbal.

Nesta fase, segundo Abramovich (1997), os livros devem apresentar um contexto familiar, predominado com imagens, ou então conter histórias de bichinhos e criança, fantasiosas. Também é nesta fase que os contos de fadas são imensamente apreciados. Para tanto, observa-se fases com relação ao tipo de leito: o leitor iniciante (dos 6 aos 7 anos); o leitor em progresso (dos 8 aos 9 anos); o leitor fluente (dos 10 anos aos 11); e o leitor crítico (dos 12 anos em diante), segundo Dohme (2010). De acordo com Bettelheim:

> [...] no conjunto da Literatura Infantil nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança do que os contos de fadas, pois por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história dentro de uma concepção infantil (BETTERLHEIM, 2006, p.12).

No entanto, é importante informar que tais estágios e níveis são apenas aproximados, visto que podem variar as faixas etárias de acordo com o desenvolvimento da criança. Segundo Bettelheim (2006), é à média que a criança vai se desenvolvendo, que a mesma aprende a entender-se melhor e, consequentemente, entender os outros ao seu redor, se relacionando de maneira satisfatória e significativa. A Contação de história tem importância fundamental em vários aspectos da educação das crianças, a respeito disso Rodrigues ressalta:

> A Contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e

os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Esta atuação é extremamente decisiva para a formação e o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Logo, o campo da literatura infantil tornou-se mais amplo e relevante, com a capacidade de proporcionar a criança seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social, tornando os laços entre a literatura e a escola mais estreitos, pois, para que fossem adquiridos os livros, antes era preciso que as crianças dominassem a escrita, capacidade está que estava a cargo da escola.

Coelho (2000) elucida sobre o que poderá ser realmente a literatura, se uma arte literária ou pedagógica. Explica que esta é uma discussão antiga, pois as opiniões são divergentes. Se analisada, a literatura diverte como a arte e instrui como a área pedagógica, fazendo com que a criança altere sua consciência de mundo. Souza (2007) afirma que contar histórias é uma estratégica pedagógica que favorece de maneira significativamente positiva a prática docente na educação infantil e ensino fundamental.

No momento em que a criança ouve ou lê uma história torna-se capaz de duvidar, comentar e discutir sobre ela, promovendo uma interação verbal, segundo Bakhtin (1992). Para o autor, essa divergência de ideias possui um caráter social e, é por meio desse confronto de pensamentos, evidenciado pela interlocução, que se adquirem conhecimentos, assim, a linguagem torna-se constitutiva, ou seja, constróise um pensamento a partir de um segundo, isto é, uma linguagem dialógica. A respeito da linguagem dialógica Bakhtin diz:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 1992, p112).

A partir desta interação social e da conversa que se tenciona compreender a importância da literatura infantil, assim como elucida Coelho, "é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural." (2001, p.17). O ato de ler constitui-se como um processo no qual o leitor participa ativamente na construção do significado do texto. Entretanto, a atividade não implica somente a decodificação, mas abrange diversas estratégias para que a pessoa compreenda o que está lendo. Com relação a isto, os Parâmetros Curriculares Nacionais relatam:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade (BRASIL, 2001, p.54).

Observa-se que a capacidade para aprender está entrelaçada ao contexto pessoal do aluno, assim como afirma Lajolo (2002), onde o leitor faz a ligação do

que encontrou ao longo das histórias dos livros ao significado pessoal de suas leituras do mundo ao seu redor.

O ato de ler não abrange apenas a decodificação, visto que o mesmo está ligado às experiências, as fantasias, e as necessidades do leitor, assim como afirma Bamberguerd "fundem-se no ato da leitura" (2003, p.23). Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), tendo em vista que trabalhar com uma grande diversidade textual é de extrema importância, pois faz com que a etapas de leitura desenvolvam-se da melhor maneira, contribuindo para a formação de leitores competentes.

Ou seja, observa-se que a leitura é essencial no desenvolvimento intelectual e cultural da pessoa, sendo papel do professor propiciar e facilitar o desenvolvimento da competência de leitura de seus alunos. Tendo em vista que a escola tem o desafio de formar estes alunos para a vida, é por meio justamente do contado e da exploração de variados tipos de textos e através de ações promovidas pelo professor com leitura, que este irá desenvolver e construir um conhecimento compartilhado, junto com os outros alunos, e assim conseguindo expressar, tanto por meio da escrita e/ou oralmente, seu pensamento, suas experiências prévias de vida, bem como seu conhecimento coletivo de mundo.

3.MÉTODOS

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho foi à pesquisa bibliográfica, por meio de uma revisão de literatura, que por sua vez, segundo Gil (2010), entende-se este tipo de pesquisa com a procura de materiais já publicados que, tradicionalmente, incluía material impresso como livros, revistas, jornais, etc, entretanto, com o avanço da tecnologia passou a incluir também materiais disponibilizados pela internet, artigos e leituras de livros.

A pesquisa bibliográfica foi a que apoiou toda a elaboração deste trabalho, no qual foram utilizadas concepções de importantes autores que abordam a temática, tais como: Abramovich (2001), Bamberguerd (2003), Coelho (2004), Ferreiro (2003), entre outros. Entende-se a pesquisa bibliográfica como o estudo de teorias de diversos autores, possibilitando reflexões acerca da relevância dos contos literários no desenvolvimento da criança.

A pesquisa será discorrida de forma qualitativa com base em estudos de diferentes teóricos que abordam a temática, no qual os temas serão debatidos conforme análise e coleta das informações obtidas. A pesquisa qualitativa não enumera os eventos estudados, nem apresenta de forma estatística a coleta dos dados.

Para Gil (2010), pesquisa qualitativa faz parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve.

Na pesquisa qualitativa existem algumas formas de investigação com diferentes orientações teóricas e metodológicas, essa diversidade pode confundir e dificultar a leitura de livros, artigos de pesquisa na área.

Assim Gil (2010) define que, um plano de trabalho facilitará a coleta das informações e explanação do assunto,

buscar ajuda do orientador e pessoas que já realizaram pesquisas na mesma área, serão de suma importância na elaboração do trabalho. Como opiniões de teóricos foram agregados estudos como

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas bibliográficas compreendeu-se que a leitura consiste em uma base para o processo de alfabetização, bem como a formação da cidadania. Desenvolve-se com o ato da leitura um maior senso crítico, isto é, pensar, duvidar, questionar. Portanto, a arte de contar história possuem a capacidade de fazer com que a rotina escolar se torne uma atividade repleta de fantasia, expressão e anseios, o que ajuda a criança a lidar com certas questões mentais inquietantes que a mesma possui. Elas conseguem compreender que a linguagem dos livros possui suas próprias características, e que essas palavras tem o poder de criar mundos imaginários muito além da realidade.

Entendeu-se que ouvindo histórias as crianças percebem suas próprias emoções, conhecem os sentimentos e aprendem a lidar com eles; esses sentimentos, muitas vezes são determinantes de suas ações e confirmam que as histórias apresentadas às crianças têm real impacto em seu desenvolvimento.

Portanto, a arte de contar história é uma ferramenta para educar e aprender; por meio da ludicidade e seus recursos, temos a oportunidade de transformar um ato comum em uma atividade prazerosa, cheia de saberes, tanto para quem conta quanto para quem escuta.

Ficou evidente que o professor precisa possibilitar a criança o meio de acesso a diversos tipos de literatura infantil, proporcionando o crescimento reflexivo, crítico e emotivo das mesmas, levar em conta a motivação e a criatividade da criança, portanto há a importância do lúdico para o bom desenvolvimento. Assim, ao inserir os alunos em ambientes como este, o educador estará formando leitores críticos e conscientes de seus atos.

Considerou-se que o objetivo deste trabalho foi atendido uma vez que se evidenciou de forma contundente que a estratégias da arte de contar história quando desenvolvida para o efetivo aperfeiçoamento da leitura é fundamental para o desenvolvimento do habito e do prazer pela leitura das crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil. 5d. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, SP: Scipione, 2001. 2ª edição;

BAKHTIN, Mikhail V. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 16ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

CARVALHO, Marlene. Guia prático do alfabetizador. São Paulo, SP: Ática, 2002.

COELHO, Beth. Novaes. Contar his-

tórias uma arte sem idade. São Paulo, SP: Ática, 2004, 10º Edição

_____. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo, SP: Ática, 2004, 10º Edição

_____. Literatura infantil: Teoria, Análise, didática. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2001.

DOHME, Vânia D'Angelo. Técnicas de contar histórias – Um guia para desenvolver suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. São Paulo, SP: Vozes, 2010. 2ª Edição.

FERREIRO, Emília. Alfabetização e cultura escrita. Nova Escola, Ed. Abril, São Paulo nº 162, maio 2003. p.28.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010

GOMES, Margarida. Literatura infantil: Construção da leitura e da escrita. 2011. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com>, Acesso em: 25 de novembro de 2021.

HOFFMANN, Jussara. Texto de Hoffmann relacionado à Leitura. 2009. Disponível em: http://doidoeusodeperto.blogspot.com/2009/05/texto-de-hoffmann-relacionadoleitura.html. Acesso em: 22 novembro de 2021.

JORGE, Linice Da Silva. Roda de Histórias: a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias. In: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado & DIAS, Marina Célia Moraes (org.). Oficinas de Sonhos e Realidade na Formação do Educador da Infância. Campinas, SP: Papirus, 2007, p.95 a 112.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª ed. São Paulo: Ática. 2002.

PIRES, Dilea. Helena de Oliveira. "livro... Eterno livro..." In: Releitura. Belo Horizonte: março de 2000, vol.14, p.34.

PIZA, Carmelina de Toledo. Entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra. Americana, SP: Adônis, 2006, 4ª Edição.

PORCACCHIA, Sonia Saj.; BARONE, Leda Maria. Codeço. Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura. Estudos de psicologia, (Campinas) vol.28 no.3 Campinas Jul./set. 2011.

RODRIGUES, Marisa Cosenza. et al. Leitura de histórias e evocação de estados mentais por pré-escolares. Psicologia Escolar e Educacional, vol.13 no.1 Campinas Jan./jun. 2005.

SOUZA, Bruna Cardoso Brasil de. Charles Perrault e os contos da mamãe gansa. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara.

VIGOTSKI, Lev. Semyonovich. O desenvolvimento Psicológico na Infância. São Paulo: Martins Fontes, 1992.